

Caro Leo:

Obrigado por sua carta, que, de fato, chegou uns poucos dias após meu octogésimo aniversário, passada a mim por minha editora. Não sou capaz de descrever os sentimentos que a visão de sua letra — que, naturalmen-

te, reconheci de imediato — suscitou em mim, e tampouco sei se eles têm interesse para você. De todo modo, fiquei contente por você ainda estar vivo. Poderemos discutir todos os nossos assuntos quando nos encontrarmos, o que espero que aconteça logo. Desculpe-me a brevidade desta carta, mas, na noite passada, morreu meu cachorro, o único ser vivo com o qual mantive um contato mais íntimo nos últimos anos. Ele, aliás, ficou contente com minha decisão de ir encontrá-lo, mas provavelmente teve medo da longa viagem, e ficar sozinho nesta casa onde vivemos é algo que, decerto, ultrapassava sua capacidade imaginativa. Chamava-se Stanley. Hoje cedo mandei cremá-lo. Uma pena que você não tenha podido conhecê-lo. Estou já há algum tempo morando em Munique, perto do Englischer Garten, numa casa pequena com um jardinzinho que mandei transformar em silvestre. É minha floresta, habitada por pássaros. Ano passado estive por aqui até mesmo um casal de poupas. Mas há gatos demais na vizinhança, razão pela qual eles não voltaram. Nunca me casei. Na década de 50, pensei seriamente em procurar um psicólogo, a fim de esclarecer para mim mesmo essa minha acentuada tendência à solidão, mas não fui além do pensamento. Sua suposição de que me atormentava o medo da castra-